SUBJETIVIDADES
e-ISSN: 2359-0777
Universidade de Fortaleza
Dossiê: Intervenções Psicossociais em Contextos de Vulnerabilidade

Adolescência e futebol em jogo: A construção de um dispositivo psicanalítico em um território de vulnerabilidade social

Adolescence and football at play: Constructing a psychoanalytic device in a context of social vulnerability

Adolescencia y fútbol en juego: La construcción de un dispositivo psicoanalítico en un territorio de vulnerabilidad social

Adolescence et football en cause : La mise en place d'un dispositif psychanalytique dans un territoire de vulnérabilité sociale

10.5020/23590777.rs.v25iEsp.e14921

Laís Caroline Schröpfer
Psicóloga graduada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI, campus de Santo Ângelo-RS, bolsista PROUNI. Especialista em Clínica Psicanalítica pela UFN. Acadêmica do Programa em Pós-Graduação em Psicologia Mestrado Acadêmico pela UFSM. Membro da Rede de Estudos Sobre Desenvolvimento na Infância, Adolescência e Juventude (REDIJUV), e do projeto de extensão Oficinas de intervenção psicossocial com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa.

Jana Gonçalves Zappe
Professora Adjunta do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós Graduação em Psicologia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduada e Mestra em Psicologia pela UFSM e Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Psicologia Jurídica pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) e em Crianças e Adolescentes em Situação de Risco pela Universidade Franciscana (UFN). Coordena a Rede de Estudos sobre Desenvolvimento na Infância, Adolescência e Juventude (REDIJUV/UFSM). Participa do Grupo de Trabalho Juventude, Resiliência e Vulnerabilidade da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação na Psicologia (ANPEPP).

André Oliveira Costa
Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2003), Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2011), Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, 2008) e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2014), com período de doutorado sanduíche em Paris pela Universidade de Paris VII (bolsista CAPES). Pós-Doutor em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades pelo programa Diversitas (FFLCH/USP). Professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pós-Doutorando em Psicanálise: Clínica e Cultura (UFRGS).

Resumo

A escrita deste artigo parte da clínica da psicanálise nas situações sociais críticas, propondo novas configurações de escuta e intervenção em cenários marcados pela vulnerabilidade e pelo desamparo. Nesses contextos, os adolescentes podem se defrontar com os impasses da invisibilidade, diante da necessidade do olhar do Outro para a construção da imagem de si, que permeia o adolescer. Para o enfrentamento desses impasses, desenvolveu-se um dispositivo clínico com adolescentes, em um território de intensa vulnerabilidade social, que possibilitou um espaço onde os jovens pudessem ser vistos em suas singularidades. O dispositivo se constituiu em uma quadra de esportes, onde o futebol apresentou uma importante função. Aquele espaço se tornou o lugar onde ocorreram as escutas dos sujeitos. Lá, diversos adolescentes compartilharam suas histórias, suas angústias e seus desejos. A quadra de esportes foi palco de conflitos e também da criação de laços, demonstrando, assim, ser um potente espaço de elaboração para as angústias dos jovens, oriundas das violências e vulnerabilidades do território, bem como do próprio adolescer.

Palavras-chave: adolescência, vulnerabilidade, dispositivo, futebol, psicanálise.

Abstract

This article is grounded in psychoanalytic clinical practice within socially critical contexts and proposes new configurations of listening and intervention in settings marked by vulnerability and abandonment. In such contexts, adolescents may be confronted with the impasses of invisibility, given the need for recognition by the Other in the construction of self-image that characterizes adolescence. To address these impasses, a clinical device was developed with adolescents in a territory of intense social vulnerability, creating a space in which young people could be seen in their singularities. The device was established on a sports court, where football played a central role. This space became the site in which listening to the subjects took place. There, several adolescents shared their stories, anxieties, and desires. The sports court became a stage for conflict as well as for the creation of bonds, demonstrating its potential as a powerful space for the elaboration of adolescents' anxieties arising from the violence and vulnerabilities of the territory, as well as from the experience of adolescence itself.

Keywords: *adolescence, vulnerability, device, soccer, psychoanalysis.*

Resumen

La escritura de este artículo parte de la clínica del psicoanálisis en situaciones sociales críticas, proponiendo nuevas configuraciones de escucha e intervención en escenarios marcados por la vulnerabilidad y el desamparo. En dichos contextos, los adolescentes pueden enfrentarse a los impasses de la invisibilidad, ante la necesidad de la mirada del Otro para la construcción de la propia imagen, que atraviesa el proceso de adolescer. Para afrontar tales impasses, se desarrolló un dispositivo clínico con adolescentes en un territorio de intensa vulnerabilidad social, que posibilitó un espacio donde los jóvenes pudieran ser vistos en sus singularidades. El dispositivo se constituyó en una cancha deportiva, donde el fútbol desempeñó una función relevante. Aquel espacio se convirtió en el lugar donde tuvieron lugar las escuchas de los sujetos. Allí, diversos adolescentes compartieron sus historias, sus angustias y sus deseos. La cancha deportiva fue escenario de conflictos y también de la creación de lazos, demostrando ser un potente espacio de elaboración de las angustias juveniles, derivadas tanto de las violencias y vulnerabilidades del territorio como del propio proceso de adolescer.

Palabras clave: *adolescencia, vulnerabilidad, dispositivo, fútbol, psicoanálisis.*

Résumé

La rédaction de cet article s'appuie sur la pratique clinique de la psychanalyse dans des situations sociales critiques, en proposant de nouvelles modalités d'écoute et d'intervention dans des contextes caractérisés par la vulnérabilité et le dénuement. Dans ces contextes, les adolescents peuvent être confrontés aux impasses de l'invisibilité, face à la nécessité du regard de l'Autre pour la construction de l'image de soi, qui imprègne le processus de devenir adolescent. Pour faire face à ces impasses, un dispositif clinique a été élaboré avec des adolescents, au sein d'un territoire marqué par une intense vulnérabilité sociale, offrant ainsi un espace permettant aux jeunes d'être reconnus dans leurs singularités. Le dispositif a été mis en place sur un terrain de sport, où le football a joué un rôle important. Cet espace est devenu le lieu où se sont déroulées les écoutes des sujets. Là-bas, plusieurs adolescents ont partagé leurs histoires, leurs angoisses et leurs désirs. Le terrain de sport a été le théâtre de conflits, mais aussi de la création de liens, révélant ainsi sa puissance en tant qu'espace d'élaboration des angoisses des jeunes, issues des violences et des vulnérabilités du territoire, ainsi que de l'adolescence elle-même.

Mots-clés : *adolescence, vulnérabilité, dispositif, football, psychanalyse.*

A vulnerabilidade e a exclusão social são situações que incidem de modo significativo em uma expressiva parcela da população brasileira, produzindo repercussões no modo como ela se constitui psiquicamente. Diante das urgências das situações sociais críticas (Broide & Broide, 2015), a psicanálise é eticamente convocada a atuar como dispositivo de escuta aos sujeitos excluídos socialmente. Nesse contexto, esta pesquisa retrata a escuta do adolescer em territórios marcados pela invisibilidade, pela violência e pela vulnerabilidade social.

A adolescência é um momento muito importante do desenvolvimento psíquico e consiste em uma travessia durante a qual o sujeito adolescente vai buscar outras significações de si, com suporte dos elementos oferecidos pela cultura e pelo seu meio social, que irão auxiliá-lo na construção de um novo lugar psíquico, de uma nova identidade e de uma reinscrição no laço social (Rassial, 1997). Considerando a irredutibilidade entre laço social e constituição psíquica, esta pesquisa propõe analisar como as dinâmicas sociais afetam a constituição psíquica dos adolescentes, sobretudo como os cuidados com a adolescência estão sendo desenvolvidos em territórios marcados pela vulnerabilidade social.

Ainda que seja previsto que a adolescência é considerada um período em que se gozaria de "todos os direitos fundamentais (...) assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade" (Lei nº 8.069, 1990, art. 3), esse direito legalmente garantido não representa a realidade de muitos jovens brasileiros. A análise da literatura revela que territórios periféricos são marcados pela desigualdade social, o que pode resultar em casos de violência, drogadição, evasão escolar e ausência de perspectivas acadêmicas e profissionais (Traverso-Yépez & Pinheiro, 2002). Além de viverem em condições de extrema pobreza e de serem privados de incentivos e proteção, tais jovens ainda enfrentam diversos preconceitos. Nesse sentido, a perpetuação dessas violações pode limitar as possibilidades, desejos e oportunidades desses adolescentes, repetindo um ciclo de pobreza, exclusão e potencialização de riscos.

Todavia, é preciso ressaltar o caráter transitório dessa condição, pois, "as pessoas não são vulneráveis, elas estão vulneráveis com relação a determinada situação e num certo ponto do tempo e espaço" (Gama et al., 2014, p. 78). É pensando na possibilidade de transição dessa condição que surge a aposta deste trabalho. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é retratar a construção de um dispositivo clínico, que foi se constituindo desde as primeiras escutas e que, segundo a metodologia de Broide (2015), possibilita uma escuta e uma intervenção com sujeitos em territórios conflagrados pela violência e pela vulnerabilidade social. Iniciaremos pela contextualização do território, que abrange a escuta das vulnerabilidades que permeiam os moradores e os adolescentes, passando aos desdobramentos do dispositivo, e, por fim, relatando as funções que ele cumpriu.

Percurso Metodológico

Para a realização da pesquisa, fomos inspirados pela metodologia da "*Psicanálise nas Situações Sociais Críticas*", desenvolvida por Broide e Broide (2015), que atua frente às urgências sociais onde pairam o desamparo, o mal-estar e a dimensão traumática. Essas situações demandam a responsabilidade ética do analista e colocam interrogações à teoria e ao exercício clínico. Para tanto, utilizamos a *escuta territorial*, um método de pesquisa que privilegia a escuta dos sujeitos, suas relações com o território e as manifestações sociais que ali ocorrem. Assim, foram realizadas escutas individuais e grupais, nas ruas, residências e espaços institucionais com adolescentes, moradores e trabalhadores do local. A escuta se torna fundamental, pois o exercício da psicanálise se dá pela palavra, uma vez que é pelos significantes que emergem nas narrativas que serão ancoradas as compreensões sobre o sujeito e as possíveis intervenções. Pelo método de intervenção social, buscamos o desenvolvimento de um dispositivo clínico (Broide & Broide, 2015), recurso que possibilita a emergência do sujeito do inconsciente, que se constitui a partir da linguagem como efeito dos significantes que o atravessam. Segundo Broide e Broide (2015), o conceito de dispositivo clínico refere-se a uma construção ética e técnica que emerge a partir das demandas específicas de um território ou contexto social. Diferentemente de métodos tradicionais, o dispositivo se configura no encontro com os sujeitos e com os territórios, criando condições para que algo novo surja no campo do cuidado e da escuta. Ele se caracteriza por sua capacidade de possibilitar a emergência do sujeito do inconsciente, permitindo a construção de sentidos. Assim, o dispositivo clínico se constitui como um espaço que opera na transferência, possibilitando a escuta e o trabalho com o inconsciente em moldes diversos daqueles que caracterizam consultórios convencionais.

Por meio desse dispositivo, procuramos compreender como ocorreu a travessia do adolescer em meio à situação de vulnerabilidade. Compreendemos que o dispositivo promove a circulação da palavra e funciona como espaço de reflexão sobre a vida comunitária, o que, por sua vez, possibilita a criação de modos de enfrentamento das questões que atravessam o território (Broide & Broide, 2015). No contexto dessa experiência, a quadra de esportes se configurou como dispositivo, pois foi ali que os adolescentes puderam se expressar livremente, compartilhar suas aflições, incertezas e sentimentos, encontrando, por meio da fala, um espaço simbólico de reconhecimento. Ao abrir espaço para suas narrativas, esses jovens deixaram de ocupar um lugar de invisibilidade, passando a serem vistos em sua singularidade.

A pesquisa, bem como o desenvolvimento do dispositivo, ocorreu em um período de quatro meses, entre agosto e dezembro de 2022, em um bairro na região que apresenta os maiores índices de vulnerabilidade da cidade de Santa Maria, no interior do estado do Rio Grande do Sul. Cabe ressaltar que os fatores de escolha mencionados foram importantes, pois a metodologia da escuta territorial também se interessa pela interlocução com outros saberes que possam contribuir na compreensão sobre o território. Por fim, todas as análises foram descritas em um diário de experiência (Pires & Gurski, 2020), ferramenta de registro e investigação na qual o pesquisador aponta as suas impressões da escuta e transferência. Para a escrita do trabalho, optamos por incluir recortes dos diários de experiência, a partir dos quais iremos conduzir as análises. A fim de preservar o sigilo dos participantes, foram substituídos os nomes por pseudônimos e omitidos todos os aspectos que pudessem revelar suas identidades.

A Invisibilidade no Bairro Nova Santa Marta: "O Morro que dá Vista para uma Cidade que Não nos Vê"

Nova Santa Marta é um bairro conquistado por meio de uma ocupação que se iniciou há mais de 30 anos. Diversas famílias, desamparadas pelo Estado, ainda buscam ali um espaço para construir um lar, de modo que o bairro se tornou um dos maiores da América Latina, abrigando mais de 35 mil moradores. Lamentavelmente, como um lugar de destino para as pessoas segregadas da sociedade, abrigam-se por meio de uma chamada invasão, onde sobrevivem em moradias que carecem de investimentos que vão desde saneamento básico, água encanada, energia elétrica, sistema de esgoto, até reformas que tornem as casas seguras.

Localizado no alto de um morro, que, nas palavras de uma moradora, dá vista para uma cidade que não os vê, revela-se a posição do território que demarca a invisibilidade dos sujeitos. O bairro é distribuído em sete vilas, cada uma recebendo um nome que simboliza parte da sua história, como *7 de dezembro*, que representa a data de sua conquista, *Pôr do Sol* ou *Alto da Boa Vista*, que remetem os encantos da paisagem vista do local. No bairro, há presença de lideranças comunitárias que, através de união e luta, conseguiram avançar nas melhorias de infraestruturas locais. Esse senso de coletividade também proporcionou o sustento a muitos moradores por meio da constituição de uma associação de selecionadores de material reciclável, que, além de prover sustento a diversas famílias, transforma o que socialmente seria considerado descartável em fonte de valor e trabalho. Essa prática, que dá novo destino àquilo que é excluído, revela um movimento de resistência frente às adversidades impostas. Tal como os catadores se ocupam dos restos, a psicanálise também se volta àquilo que é comumente deixado de lado, como os fragmentos da fala, os lapsos e os resíduos do discurso, reconhecendo aí a potência de revelação de sentidos inconscientes.

No entanto, a ausência do Estado no bairro Santa Marta produz prejuízos, pois as fissuras que ele causa abrem espaço para a presença do tráfico de drogas, tendo inclusive uma facção que se originou no território. Mesmo com todas as dificuldades que enfrentam, os moradores de Nova Santa Marta são gentis e acolhedores. Alguns falam com muito orgulho da história da ocupação e de outras potencialidades que ali existem. Logo nas primeiras idas ao bairro, as pessoas cumprimentavam, conversavam e ofereciam ajuda.

Circulando pelas ruas, tentou-se encontrar os adolescentes, mas, curiosamente, nas primeiras idas ao bairro, eles não foram avistados. Para saber sobre as relações da comunidade com os jovens, as escutas iniciaram com os moradores e com os profissionais que ali trabalhavam. Nesse percurso, foi identificado um espaço com quadra de esportes, pista de *skate*, parquinho, teatro e biblioteca. Surpreendentemente, mesmo sendo aberto ao público, poucas pessoas utilizavam o local, conforme informou uma profissional que atuava em um espaço próximo a ele.

> Na quadra de esportes próxima ao seu trabalho, houve, há alguns meses, uma troca de tiros entre facções, onde uma bala perdida foi disparada perto de um professor e seu grupo de alunos. Além disso, ela relata que um garoto já ocupou esse mesmo espaço de socialização da comunidade armado (Diário de experiência, 2022, p. 2).

A partir dessa cena, o programa de socialização e fortalecimento de vínculos, realizado por meio de oficinas esportivas, foi encerrado, pois o professor que ministrava as aulas, com medo da troca de tiros, afastou-se das atividades.

As escutas pelo bairro seguiram, a fim de compreender como os laços no território se estabeleciam. Caminhando pelas ruas, foi possível observar que, quanto mais afastadas do núcleo central do bairro, mais precárias eram as residências e as ruas, que traziam um intenso cheiro decorrente da falta de sistemas de esgotos e dos lixos entulhados nas esquinas. Ao chegar em uma rua de chão batido, avistamos um extenso muro cinza, no qual uma fresta de grades revelou que aquele local era uma escola. Ao adentrar na instituição escolar, uma pedagoga aceitou participar da pesquisa e então relatou suas impressões sobre a adolescência em meio às vulnerabilidades. Em seu discurso, foram apontados os casos de violência que os jovens sofrem em suas casas e que repetem contra si mesmos, por automutilações, ou contra os outros, por meio de brigas. Também foram mencionadas as situações de trabalho infantil, ocorrências de gravidez na adolescência, o envolvimento dos jovens no tráfico de drogas, os casos de evasão escolar e as lacunas na aprendizagem. Embora não tenha sido possível escutar nenhum adolescente na escola, ao sair do local, inesperadamente, houve um encontro com um jovem na rua.

> Saindo da escola, retorno em direção ao núcleo central, quando em uma parada de ônibus vejo um adolescente que parecia ter uns 13 anos, arrumando sua mochila. Lhe pergunto se o ônibus ali demora a passar e ele me diz que sim, em torno de 30 minutos. Aproveito a oportunidade para conversar, e ele é muito receptivo, mas logo a conversa é interrompida, pois ele avista uma adolescente e lhe pergunta se ela encontrou o que procurava. Ela responde que não e ele lhe diz que vai levar ela onde pode conseguir. Ele me dá tchau e segue com a garota. Sigo então em direção ao núcleo central para pegar meu ônibus, indo atrás dos dois adolescentes, quando então eles param em uma esquina e começam a conversar com um homem, que lhes entrega alguma coisa, pela movimentação cautelosa, suponho ser uma venda de drogas (Diário de experiência, 2022, p. 3).

O tráfico de drogas é uma cena recorrente no bairro Nova Santa Marta. Apesar de ser um assunto velado, expresso pelo temor dos sujeitos em falar a respeito, todos sabiam onde se situavam os pontos de venda, as ditas "bocas de fumo", ou com quem as encontrar. As narrativas sobre as drogas eram acompanhadas de relatos de trocas de tiros, de casos de

execuções pelo tráfico e do medo de sair na rua a partir do anoitecer. Embora o envolvimento com as drogas seja perigoso, principalmente para os jovens das periferias, que conhecem muito bem o seu custo, a experiência com drogas também pode ser muito atraente nessa época da vida. Em meio a angústias próprias da adolescência, somadas aos conflitos de uma passagem em meio às adversidades, as drogas podem ser uma opção de gozo instantâneo, mas que, como fuga para escapar do sofrimento, pode vir a capturar o sujeito, aprisionando-o em uma toxicomania (Torossian, 2003).

A falta de perspectivas econômicas é outro aspecto que pode levar os adolescentes a se envolverem em atividades ilegais para suprir suas necessidades financeiras. No entanto, como escreve Broide (2015), não é apenas isso que o tráfico representa, pois "as atividades ilícitas não trazem somente um maior ganho em dinheiro. Trazem o que o adolescente mais quer: a adrenalina e a saída da invisibilidade" (p. 70). A inserção no tráfico retira o adolescente do apagamento que o desamparo social lhe proporcionou. Estar no tráfico também constitui uma forma de reconhecimento, pois, como sublinha Broide (2015), permite o acesso a produtos "como marcas de grife, armas e dinheiro na mão, que significam o acesso à sexualidade, ao status e ao respeito dos pares, além de capturarem o jovem no imaginário da potência" (p. 70). No entanto, esse lugar cobra um preço muito alto, muitas vezes, o da liberdade e o da própria vida.

Adolescendo na Invisibilidade: Os Impasses Diante da Necessidade do Olhar do Outro para Construção da Imagem de Si

As diversas situações de vulnerabilidade que os adolescentes do bairro Nova Santa Marta enfrentam compõem um retrato do descaso estrutural do Estado com a população que mais necessita dele. Nesse contexto, os adolescentes são particularmente afetados, uma vez que estão em um momento crucial de desenvolvimento, em busca de identidade e pertencimento. Relegados à dimensão traumática, podemos perceber, em suas narrativas, algumas situações de repetição da indiferença e da falta de reconhecimento como ser humano, por meio das violências.

> Caminhando pelas ruas em busca dos adolescentes, encontrei quatro garotos na quadra de esportes. Sentada observando seu jogo, logo a bola é chutada para fora, em minha direção. Fiz uma piada quanto à pontaria dos meninos e perguntei se poderia jogar com eles. Com um sorriso no rosto me dizem que sim e jogamos futebol por aproximadamente uma hora. Após o jogo, comecei a conversar com os adolescentes, falei sobre a pesquisa e assim os jovens começaram a compartilhar comigo suas histórias (...).
>
> Marcelo, de 13 anos, foi quem mais demandou um espaço de escuta, enquanto os garotos mais novos brincavam, ele se sentou ao meu lado e contou que odeia morar no bairro, pois ali foi o lugar onde seu pai foi assassinado, há um ano e meio atrás, ainda no período pandêmico, quando estava na parada de ônibus e foi assaltado. Seu pai reagiu e então o sujeito revidou, lhe atingindo com uma faca. Ele contou que, desde então, vive com a mãe, com a avó e os irmãos mais novos. Marcelo diz que não se sente bem lá, que não tem tanta proximidade com a mãe como tinha com o pai. Como a mãe passa o dia fora trabalhando, ele e os irmãos ficam sob o cuidado da avó, que trata Marcelo de modo diferente dos irmãos mais novos, dando a eles tudo que pedem, enquanto para Marcelo nega afeto e alimentos. Em razão disso, o adolescente não se sente acolhido, e por isso deseja morar com a avó paterna, essa lhe dá mais atenção, principalmente nesse momento em que ainda elabora o luto do pai. É através do futebol que Marcelo parece ir elaborando sua perda, pois seu pai sempre o incentivou e investiu nele através desse esporte. Marcelo está em um centro de treinamentos, joga campeonatos e se dedica à escola. Seu sonho é ser um jogador profissional (Diário de experiência, 2022, p. 5).

A história de Marcelo é permeada pelas marcas do apagamento e da indiferença, evidenciadas tanto no tratamento dispensado por sua família materna como também na trágica morte do pai, que representa o extremo da percepção da vida como uma banalidade. Assassinatos como esse, por vezes, são cometidos por sujeitos que, por falta de investimentos, não conseguem reconhecer a própria vida como importante, assim tampouco será com o outro. Entendemos que a invisibilidade social e a indiferença também se constituem como formas de violência ao sujeito que, ao ser exposto constantemente a essas situações, será defrontado com a dimensão traumática. Essa, como Freud (2021/1914) asseverou, enquanto não for simbolizada, poderá ser repetida em ato – nesse cenário, como constatamos, através de outras violências.

Contudo, o desamparo e a invisibilidade não aparecem somente de formas atrozes, mas surgem também de maneiras sutis e naturalizadas pela sociedade. Em outra escuta, após um jogo na quadra com adolescentes, os garotos falaram de situações que denunciam o descaso do Estado.

> Sentados no chão, expliquei minha pesquisa e perguntei se poderia anotar algumas coisas do que eles traziam, consentiram, mas Kevin, o mais novo, de 09 anos, muito intrigado, perguntou se algo do que eu escreveria ali iria para a Brigada[1], isso pois desde que começou a pandemia, ele não foi mais à escola, está na quarta série e ainda não aprendeu a ler. A partir disso, os outros garotos lhe falaram sobre a importância de frequentar a escola, o que fez com que Kevin ficasse muito pensativo.

[1] Polícia Militar do Rio Grande do Sul.

> Ele me olhou e disse que agora não pode ir, pois não tem mais vagas, mas lhe assegurei que esse é um direito dele e que ele pode voltar a ir, pois em alguma escola ele terá lugar.
>
> Mateus de 15 anos contou que vive com a mãe e mais três irmãos. Seu pai está preso por não pagar pensão, ele tem 22 filhos, e Mateus relata que, no dia em que o pai tentou conseguir dinheiro para pagá-las, foi descendo a rua do bairro, assaltando cada casa por onde passava, mas ao chegar ao fim da estrada, a polícia já estava lhe esperando. Mateus tem 21 irmãos por parte de pai e 3 por parte de mãe. Quando pergunto como é a relação de Mateus com seu pai, ele me diz que é indiferente. Com a mãe, diz possuir uma boa relação, embora os outros meninos tenham dito que ela lhe bate, Mateus falou que ela *só faz isso quando ele apronta, como meio de educar, mas apesar disso, é muito amorosa e prestativa. Mateus olha o relógio, diz que logo terá que ir embora, quando pergunto o porquê, conta que irá encontrar o cunhado, para buscar sua irmã de 17 anos que está grávida.*
>
> Pergunto aos meninos se eles vêm sempre a quadra, se lhes encontraria novamente, eles me respondem que vão, mas não muito, pois Mateus ajuda a mãe em casa, Paulo, de 13 anos, trabalha em obras fazendo reformas com gesso, e, além disso, possuem medo de alguns meninos que jogam ali também, pois são violentos. Contam então de uma briga que já aconteceu na quadra e dos tiroteios que acontecem durante a noite nas bocas de fumo. Sobre as drogas, todos se mantêm afastados, pois dizem que garotos drogados são sem futuro, alguns de seus amigos já estão presos em função disso.
> Quando eu questiono então sobre seus futuros, Natan, de 12 anos, diz que está treinando para ser jogador, e em breve fará um teste. Ele e Paulo jogam pelo time Novo Horizonte, nome que parece simbolizar outros caminhos pelos quais os garotos podem seguir. Natan me mostra então sua tornozeleira, uma corrente com um metal parecido com prata, envolvido junto a fitas coloridas. Ele explica que ela foi feita por sua mãe para que ele mantenha o passo firme em direção aos seus sonhos e para lhe proteger. A tornozeleira é uma "guia" abençoada por um orixá do candomblé (...) Ao final da tarde, penso que realmente são muitos os perigos que os adolescentes do bairro enfrentam, bairro que Pedro de 11 anos caracteriza como lixo, lugar de vulnerabilidade que a sociedade trata como dejeto. Na ausência de profissionais para manter a segurança pública, resta aos pais manterem seus filhos longe das ruas ou com guias espirituais para lhes proteger (Diário de experiência, 2022, p. 8).

As defasagens no ensino de Kevin, a antecipação de Paulo no mercado de trabalho informal e a entrada de outros garotos no tráfico de drogas, bem como a presença da polícia de forma ameaçadora, que em outras narrativas aparecem com abordagens agressivas e preconceituosas, demonstram que o Estado, que deveria garantir o bem-estar coletivo, a ordem social e o desenvolvimento do país, conforme previsto na Constituição Federal (Constituição da República Federativa do Brasil, 2021), perpetua violências. É preciso ressaltar que, em Nova Santa Marta, há a presença de serviços públicos de atendimento à população, inclusive de organizações não governamentais que auxiliam nas demandas do território. Embora os profissionais que atuam na rede, como os do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e Centros de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) locais, apresentem uma boa relação com os moradores e se empenhem em suas funções, as ações ainda são insuficientes diante da imensa carência que o bairro enfrenta, o que foi observado durante a realização da pesquisa. Esse descompasso entre as necessidades da população e os recursos disponíveis é revelador de desigualdades estruturais, pois, ainda que, segundo a Constituição Federal, todos tenham direito à igualdade perante a lei (Constituição da República Federativa do Brasil, 2021, art. 5), Rosa (2022) sinaliza que, enquanto uma parcela da população tem proteção e privilégios, outra parcela é explorada, desamparada e exilada ao sofrimento.

A violência e as vulnerabilidades ainda provocam um impacto profundo nos laços familiares, muitas vezes resultando no rompimento dos mesmos e dificultando a capacidade de as famílias cuidarem de seus filhos, como observado nas narrativas dos adolescentes. Torna-se extremamente desafiador oferecer aquilo que não se recebeu e suprir as carências materiais e simbólicas decorrentes da pobreza. No entanto, essas famílias são estigmatizadas e culpabilizadas pelos discursos sociais, que não levam em consideração o desamparo do Estado e as dificuldades enfrentadas. Nesse cenário, as negligências, violências e violações de direitos são naturalizadas e os discursos de poder ainda culpabilizam o sujeito por sua condição social plurideterminada, isto é, resultante de múltiplos fatores históricos, econômicos, culturais e políticos que excedem sua vontade individual (Rosa, 2022). Através das narrativas, podemos perceber que os adolescentes internalizam essa culpa, como faz Kevin, que, ao não frequentar a escola, acredita que é culpado por isso e sente medo de ser punido pela polícia. Outro exemplo é o de Mateus, que, ao sofrer violência pela mãe, justifica a conduta dela a partir do seu comportamento.

A adolescência é um período constitutivamente conturbado, sobretudo quando os jovens atravessam situações de rejeição ou perda familiar, convívio com drogas, álcool, preconceitos e uma sociedade que os segrega (Kostulski et al. 2019). Nesse cenário, a construção da identidade pode ser um processo ainda mais complexo e difícil, pois ela é constituída a partir de como os cuidadores presentes na dinâmica familiar veem o adolescente e de que forma ele se situa em suas relações e interações no território em que interage socialmente. É a partir dessas relações e interações, tanto no ambiente familiar mais imediato como nos espaços institucionais e comunitários do território, que o adolescente irá construir a sua imagem, seu valor. Portanto, a maneira como ele é visto torna-se fundamental, pois nomeia e demarca o sujeito, não

apenas para os outros, mas sobretudo para si próprio. Por isso, quando os adolescentes são expostos à falta de cuidado e de investimentos afetivos e materiais, limitam-se as suas possibilidades desejantes. Como destacam Broide (2015) e Rosa e Vicentin (2012), diante do apagamento, da falta de reconhecimento na inscrição no laço social, as referências identitárias e as possibilidades criativas de existência passam a ficar comprometidas.

Dessa forma, muitos jovens acabam sem referências para se constituir e organizar o seu futuro. Todavia, na ausência de referências familiares ou no apagamento do discurso familiar, Rosa (1999) sustenta que prevalece o discurso social. Discurso que, quando não é carregado de estigmas e preconceitos, promove a invisibilidade que leva o sujeito ao desamparo e ao silenciamento. Dessa forma, possibilitar espaços que mobilizem as narrativas dos adolescentes se torna fundamental, pois é a partir da fala que os sujeitos se defrontam com o próprio desejo e conseguem, assim, desalienar-se de significantes estigmatizados e impostos como verdades absolutas. Na psicanálise, a alienação diz respeito ao processo pelo qual o sujeito se constitui como sujeito do desejo a partir dos significantes do Outro, ficando, inicialmente, submetido a um lugar e a uma identidade que lhe são atribuídos. A desalienação, nesse sentido, implica a possibilidade de o sujeito se separar dessas determinações e reinventar-se de forma mais autônoma com relação ao desejo do Outro, mas sem prescindir completamente dele (Lacan, 1985).

O Dispositivo e seus Desdobramentos

A quadra de esportes, que não estava mais sendo utilizada pelos adolescentes devido ao tumulto dos disparos, aos poucos foi sendo ocupada e se tornou um espaço para as escutas dos jovens. Naquele lugar, diversos adolescentes compartilharam suas histórias, suas angústias e seus desejos. A quadra foi palco de conflitos e também da criação de laços, e, assim, sutilmente foi se constituindo como um dispositivo. O dispositivo é um operador clínico que tomamos como orientação da perspectiva de Broide e Broide (2015) para atuar nas situações sociais críticas. De acordo com a conceitualização dos autores, é o dispositivo que permite a emergência do sujeito do inconsciente, tal como a Banda de Moebius, figura topológica que possui apenas uma face e um único lado, que possibilita visualizar simultaneamente o que está exposto e o que está oculto, evidenciando a inseparabilidade entre o visível e o invisível, o dito e o não dito.

Pensando então em um dispositivo que possibilite uma escuta clínica fora do contexto tradicional do consultório, a fim de responder às situações de vulnerabilidade que os adolescentes enfrentam, entendemos que a quadra de esportes se configurou como um espaço de escuta, de circulação da palavra, no qual puderam se expressar para discutir suas aflições, incertezas e expor seus sentimentos, permitindo serem vistos na sua singularidade. Aquele espaço, inicialmente vazio, aos poucos foi ocupado e possibilitou que emergissem diversos aspectos que revelaram sentidos até então ocultos, como o desamparo evidenciado na falta de investimentos aos adolescentes na quadra. “Junto de Kevin, Mateus, Paulo e Natan, jogamos futebol por mais de uma hora, com uma bola, cedida pela instituição, que já não tinha mais os gomos e era murcha. Fiquei pensando sobre como havia poucos investimentos para aqueles meninos, pois sequer uma bola adequada foi oferecida”.

Figura 1

Imagem da bola utilizada pelos adolescentes.



Dessa forma, o dispositivo da quadra de esportes abriu espaço para as manifestações do inconsciente, revelando como eles se atualizavam no território, como pode ser observado a seguir.

> Chego na quadra e os garotos já estão lá jogando futebol. Mateus (15 anos), Edenilson (14 anos) e Paulo (13 anos) me cumprimentam com um sorriso e me chamaram junto a eles para jogar. Logo começam a chegar mais adolescentes, então eu os convido para se juntar a nós e formar novos times. Mas, alguns garotos ainda não se conheciam, então, em uma partida, houve uma falta que Mateus interpretou como sendo na “maldade” e para defender seu amigo deu um chute na barriga do

> garoto que havia cometido a falta. O garoto se assustou com o ato, e os demais repreenderam Mateus, dizendo que, mesmo sendo uma falta, *não era motivo para que ele agredisse outra pessoa, e que se ele continuasse reclamando e sendo violento, não* jogariam mais com ele.
>
> Conversei com Mateus sobre essa cena e ele pareceu entender os garotos, pediu desculpas ao menino que chutou e depois disso não houve mais desentendimentos. Algum tempo depois, mais adolescentes chegam e então o guarda se aproxima de mim e diz que gostaria de conversar. Ele me diz que precisa da autorização de um adulto que se responsabilize pelos adolescentes enquanto utilizam a quadra. Fico surpresa, pois, até o momento, não haviam solicitado isso. Eu me responsabilizo então para que os meninos possam usufruir do lugar, e o guarda explica que isso é para a segurança dos garotos, para caso alguém se machuque jogando e precise de encaminhamentos.
>
> Explico ao guarda a minha pesquisa e vamos conversando, falei sobre a precariedade das bolas e da ausência de um bebedouro, ele me conta, então, que existem bolas novas, mas que não podem ser usadas, pois estão murchas e que já há um bebedouro ali há algum tempo, mas que ainda não foi instalado pela falta de um cano.
>
> Retorno à quadra e pergunto para os meninos se já pediram algum responsável a eles, Paulo me conta, então, que, no início da semana, eles vieram jogar, mas um outro guarda, que estava no plantão no dia, disse que eles só poderiam utilizar o espaço caso viessem com um maior de 18 anos acompanhado da carteira de identidade para assinar como responsável. Depois de algumas horas, eles retornaram, então, com um responsável para jogar na quadra. Edenilson me fala que em uma das abordagens foi lhe dito que ele e os garotos deveriam ficar em casa, e não por aí incomodando. Sou atravessada por um incômodo muito grande ao saber dessa situação (Diário de experiência, 2022, p.10).

Através desse recorte do diário de experiência, é possível observar como a relação transferencial do território se atualiza no dispositivo. A transferência, como nos ensina Freud (2021/1914), é um fenômeno no qual o sujeito projeta afetos, desejos, conflitos e fantasias inconscientes na relação com o outro. É uma repetição de relações anteriores, atualizadas na relação analítica, assim como nas demais relações do sujeito. Freud (2021/1914) e Lacan (1985) sustentavam que a transferência é um modo de acesso ao material inconsciente, crucial para o tratamento, pois permite a resolução de conflitos e a elaboração de novas formas de relacionamento.

Nesse sentido, compreendemos que o medo que pairava no território se reatualizava na relação transferencial, quando aparecia no semblante dos garotos ao ver algum guarda, pois representava o medo que muitos tinham da polícia, e, sobretudo, quando outros adolescentes chegavam, porque pensavam que poderiam sofrer algum tipo de violência. Medo que também simbolizava a falta de proteção a qual os jovens estão submetidos, devido ao desamparo do Estado que deveria lhes proteger.

Como um espaço de abertura à expressão e aos afetos, os conflitos também foram surgindo no dispositivo, que se evidencia nas brigas dos adolescentes e na relação com o guarda. As brigas e a relação repressiva do guarda – que diz que os garotos não deveriam estar ali – são repetições de violências que constituem a realidade do território. Essas violências repetem o movimento de exclusão social dos adolescentes, pois, como explicam Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron (1975), esse tipo de discurso reforça uma hierarquia social que exclui e desvaloriza certos grupos, perpetuando assim a desigualdade.

Quanto à agressão de Mateus, entendemos que ela também se enlaça com o conceito de repetição, que está associado a situações traumáticas. Partindo do suposto de que a violência é uma situação traumática, a repetição surge como uma tentativa inconsciente de elaboração da mesma (Freud, 2021/1914). No entanto, a elaboração do trauma acontece apenas quando esse perpassa pelo registro simbólico. Dessa forma, o conflito dos garotos é resolvido quando, mediante a linguagem, os próprios adolescentes falam sobre a violência praticada e estabelecem limites a ela.

Compreendemos que as brigas dos adolescentes também são manifestações das pulsões de agressividade. De acordo com Freud (2013/1915), as pulsões referem-se a uma força que impulsiona o comportamento e os processos mentais, assim, estão na base dos modos como o sujeito ama, deseja e sofre. Freud também descreve o conceito de pulsão de morte, ou *Thanatos*, como representação de energia voltada para a destruição, a agressão e o retorno a um estado inanimado. Essa pulsão está relacionada com a busca do repouso absoluto, da ausência de estímulos e da cessação da dor. Freud argumentava que, embora a pulsão de morte seja inerente ao ser humano, a pulsão de vida, *Eros*, é responsável por sua contenção e pelo direcionamento dessas forças destrutivas. Assim, as duas pulsões atuam em conjunto. Ainda no texto *A Pulsão e seus Destinos*, Freud (2013/1915) destaca que a pulsão possui quatro direções, podendo ter reversão em seu contrário; retornar ao próprio eu; ser sublimada; ou recalcada. Sendo assim, as pulsões circularam pelo dispositivo de diversas formas. A pulsão de morte aparece, por vezes, sublimada no jogo, quando os adolescentes transformam a raiva que vivenciam em práticas esportivas ou em habilidades socialmente aceitas. Em outras ocasiões, ela surge transpondo os limites, manifestando-se em confrontos físicos, rivalidades intensas e agressões. No entanto, na quadra, através da relação com o outro, parece haver um enquadramento dessa pulsão, ou seja, são estabelecidos limites a ela, que possibilita uma nova forma de relação. A partir desse enquadramento, a pulsão também aparece de outros modos, como pode ser observado a seguir.

> Final de novembro, o país parou para assistir e torcer pela seleção nos jogos da copa. Chegando na quadra, vejo a movimentação de três garotos varrendo o local. Fico curiosa quanto a isso, pois é a primeira vez que os vejo. Os meninos têm entre 16 e 17 anos, estudam em uma escola próxima, e me contam que estão começando a frequentar a quadra recentemente. Alguns minutos depois, para minha surpresa, chega um grupo de seis meninas para jogar futebol ali também. Elas são colegas dos garotos, mas mais tímidas, e me contam que jogam no espaço pelas manhãs.
>
> Naquela tarde, muitos outros garotos chegaram, foi o dia em que mais adolescentes estiveram lá, tantos que sequer consegui contar. Enquanto observava meninos e meninas jogarem, futebol, vôlei, basquete, notei que entre eles havia um adulto. Esse homem de mais de 30 anos, mas baixinho e com aspecto jovial era Maurício, irmão de um dos garotos que estavam ali. Maurício me conta que, com a exigência da instituição, ele veio para ser o responsável pelos garotos e também para aproveitar sua folga do trabalho jogando bola. Enquanto observava os adolescentes, a servidora que cuida da limpeza me parou e falou o quanto é bom ver tantos meninos ali jogando futebol, ela me diz que assim eles não ficam na rua. Depois das escutas e das caminhadas pelo território consegui compreender o que isso significa, pois, a rua é o lugar onde o tráfico e as drogas circulam (Diário de experiência, 2022, p. 25).

A partir desse recorte, observamos que a pulsão de vida (Freud, 2013/1915) aparece no dispositivo através do estabelecimento de laços. Essa pulsão atua promovendo a preservação, o desenvolvimento e a criação de vínculos sociais. Assim, o medo que pairava anteriormente na quadra foi rompido por narrativa, permitindo que os adolescentes pudessem se conhecer e formar novas amizades. Os jovens passaram a convidar amigos e colegas para ir na quadra, possibilitando o surgimento de novos adolescentes no local.

Além disso, uma transferência foi se estabelecendo com a pesquisadora e, aos poucos, os adolescentes foram expressando algumas demandas, como de escuta, de resolução de conflitos e de equipamentos como a bola e um bebedouro de água. Rosa (2022) explica que o atendimento em clínicas-políticas se distingue dos pacientes do consultório particular, pois estes, muitas vezes, não apresentam uma demanda de intervenção psicanalítica ou psicológica, mas sim demandas supostamente objetivas, voltadas para carências materiais. Assim, a autora destaca que a escuta do profissional deve ir além do pedido concreto e objetivo, pois a demanda deve ser escutada em sua polissemia. Nesse sentido, a demanda por escuta, mediação de conflitos, responsabilidade na quadra pelos adolescentes, cuidado com bolas e bebedouros, poderia significar um apelo por cuidado, proteção, acolhimento, inscrição social e no desejo do Outro.

Dessa forma, foi realizado um contato com o coordenador da praça e também com o prefeito da cidade, para abordar as demandas dos adolescentes, que incluía uma bomba de encher bolas – pois no local havia bolas novas, porém inaptas para o uso por estarem murchas. Ambos responderam que solicitariam a um outro setor da prefeitura para atender ao pedido.

Outra intervenção realizada ocorreu diante de uma cena, na qual, de maneira ríspida, o guarda disse aos garotos que eles não poderiam usar a quadra se não estivessem acompanhados de um responsável. A entonação que o mesmo utilizou acabou amedrontando os adolescentes que, mesmo tendo a pesquisadora como responsável, não se sentiram confortáveis no local e saíram dali. Nesse momento, a postura do guarda foi assinalada, enfatizando-se a importância daquele espaço para os adolescentes, pois ali era um lugar de socialização e de elaboração das violências vivenciadas por eles em suas famílias e no território – através do esporte e da construção de vínculos. Além disso, o espaço representava o sonho de muitos, que vislumbram uma carreira como jogadores profissionais.

A partir dessas observações, o guarda contou que ele próprio chamou o coordenador do local para conversar sobre a necessidade de um responsável que acompanhasse os adolescentes na quadra. Isso porque, com o aumento da presença de jovens no local, ele percebeu que, ao jogarem, eles poderiam eventualmente se machucar. Alguns dias antes, essa nova norma havia incomodado, pois, inicialmente, pensou-se que isso afastaria os garotos do espaço. Refletindo sobre essa cena, compreendeu-se que há uma cultura que naturaliza a ideia de que adolescentes não precisam de tantos cuidados. Enquanto há mobilização em torno da proteção e defesa das crianças, essa atenção tende a diminuir à medida que elas crescem e se tornam adolescentes e jovens – o que muitas vezes se caracteriza como abandono (Abramo, 1997). Isso ocorre tanto pela busca por independência, característica própria dessa fase do desenvolvimento, quanto por uma "adultização precoce" à qual a vulnerabilidade social os empurra. Nesse sentido, demandar por um responsável que olhe e cuide desses jovens é trabalhar para que a comunidade e o meio social percebam que eles ainda precisam de cuidado e proteção, compreendendo que não podem ser relegados à própria sorte.

À medida que o tempo passava, um número crescente de adolescentes começou a utilizar a quadra. Além dos garotos, as meninas também passaram a frequentar o local para jogar, conversar e beber chimarrão. Dessa forma, a quadra passou a cumprir a função de espaço de socialização e proteção dos jovens. Assim, após quatro meses, a pesquisa chegou ao fim. No entanto, no último dia, ocorreu um ato muito significativo, que demonstrou mais um desdobramento do dispositivo.

> O guarda que, há algumas semanas era rígido com os adolescentes, trouxe o equipamento para encher as bolas para os jovens e agora estava auxiliando em suas demandas. Ele trouxe um pequeno motor, que possibilitou encher as bolas novas da instituição, que não estavam sendo ocupadas desde que foram adquiridas há meses atrás, pois estavam murchas.

> Enchemos as bolas de vôlei, basquete, futsal e futebol para os adolescentes e distribuímos entre eles. A quadra estava cheia novamente, alguns meninos jogavam dentro dela, outros em pequenos grupos ao redor e as meninas rebatiam vôlei.
>
> Me pergunto o que fez com que o guarda compreendesse a importância daquele espaço aos jovens, talvez tenha sido saber que, ser jogador de futebol é o sonho de muitos garotos ali, que eles vislumbram nesse esporte a possibilidade de ter uma vida melhor. Ou talvez seja por compreender que, ali, os adolescentes podem estar seguros de violências e vulnerabilidades presentes no território. De toda forma, agradeço a ele, e falo da importância de seu gesto.
>
> Volto à quadra e conto aos jovens que foi o guarda que encheu as bolas, e oriento que, caso precisem enchê-las novamente, podem procurar ele para fazer isso, pois eu já não estarei mais lá. Acordei com os adolescentes que eles continuariam trazendo responsáveis para lhes acompanhar. Me despedi dos adolescentes e dos funcionários da instituição, feliz por ver aquele espaço repleto de meninos e meninas, jogando e conversando entre si. O medo que antes barrava a socialização entre os próprios jovens e também com os guardas foi rompido pelas falas. A quadra que, quando cheguei, estava praticamente vazia, passa a ser um potente espaço de elaboração para as angústias dos jovens, oriundas das violências e vulnerabilidades do território, e também do próprio adolescer (Diário de experiência, 2022, p. 31).

No dispositivo, emergiram não apenas os sonhos e conflitos dos adolescentes, mas também o olhar que os adultos do território possuíam sobre eles. A relação que o guarda mantinha com os jovens possuía um aspecto transferencial muito importante, pois representa a falta de cuidado para com os adolescentes. Inicialmente, o cuidado inexistia ou, quando ocorria, era por meio do autoritarismo e do medo que surgia nas condutas do guarda. Havia também relatos de medo do território, exemplificados na narrativa dos adolescentes, de que a rua é um local perigoso, principalmente à noite, pela presença do tráfico, e também pela forma como alguns pais, como a mãe de Mateus, educam e cuidam dos filhos. No entanto, essa forma de proteção pelo medo e autoritarismo pode ser considerada como um tipo de violência.

Convocar um responsável para acompanhar os adolescentes é estabelecer, mesmo que sutilmente, uma nova forma de cuidado no território. Um cuidado que passa a ocorrer através do investimento no desejo dos adolescentes e no fortalecimento dos laços. Desse modo, ocorre uma mudança também na forma de cuidado que o próprio guarda possui com os garotos. Mesmo não sendo solicitado a ele, mas aos representantes do Estado, é o guarda que escuta e atende à demanda dos adolescentes, enchendo as bolas para que tenham um material digno para jogar. Assim, as relações de cuidado e proteção vão sutilmente se modificando no território.

Entendemos que o dispositivo promoveu uma forma de enfrentamento às vulnerabilidades, como a exposição a violências e a falta de proteção a que os adolescentes estavam submetidos. Houve um movimento de reapropriação da quadra de esportes, que possibilitou a socialização, algo tão importante no processo do adolescer. Não obstante, o dispositivo ainda apresentou um aspecto muito importante, relacionado à direção do desejo dos adolescentes, que será destacado a seguir.

Adolescência e Futebol em Jogo: Novos Horizontes

O futebol é reconhecido no Brasil por ser uma paixão nacional. Motivo de orgulho, por ser o maior campeão de Copas do Mundo e o país do Rei Pelé, levamos com mérito o título de país do futebol. As conquistas no esporte são celebradas com entusiasmo e parecem simbolizar a capacidade do país de superar dificuldades e alcançar sucesso. A capacidade de união é justamente uma das razões pelas quais o futebol é tão importante na cultura brasileira. O futebol transcende barreiras sociais, econômicas e culturais, unindo pessoas de diferentes origens em torno desse esporte.

Quando a Copa do Mundo de 2022 aconteceu, a pesquisa ocorria simultaneamente e o dispositivo envolvia justamente o futebol. Muito antes de a Copa ser o centro das atenções, os adolescentes já expressavam entusiasmo pelo esporte. Alguns, inclusive, apresentavam o desejo de encontrar no futebol uma carreira profissional. No entanto, nesse período, o que se intensificou foi a identificação com os jogadores, que se expressava muitas vezes pelas tentativas de reprodução de chutes, passes e dribles, além dos cortes de cabelo. Sabemos que os jogadores de futebol são admirados e idolatrados, muitas vezes se tornando figuras inspiradoras para jovens que sonham em seguir seus passos. Muitos jogadores brasileiros se tornam ídolos nacionais e referências internacionais. É assim que surge o fascínio de tantos adolescentes, que vislumbram nessa carreira a oportunidade de ascensão social e econômica.

Ser jogador profissional de futebol constitui o sonho de muitos adolescentes de regiões vulneráveis, que ocorre pela escassez de possibilidades oferecidas pelo meio social, mas, sobretudo, pela identificação com as histórias de jogadores que passaram por dificuldades semelhantes. Desse modo, ter também na seleção brasileira mais de 11 jogadores com trajetórias marcadas pela vulnerabilidade social cumpre uma importante função, pois representa uma identificação possível. Assim, as histórias de Neymar, Richarlison, Vinicius Jr, Gabriel Jesus, Antony, Casemiro, Thiago Silva, Marquinhos, Fred, entre outros jogadores, tornam-se referências simbólicas para os adolescentes das regiões periféricas, pois demonstra que foi através do esporte que esses atletas também conseguiram driblar a fome, a miséria e as violências diárias.

Na adolescência, a construção da identidade do sujeito é o que está em jogo, pois isso configura a existência do jovem, que se dará através do reconhecimento e pertencimento no laço social (Corso & Corso, 2018). Assim, é natural que os adolescentes busquem lugares de reconhecimento, pois esse "(...) demarca e nomeia o sujeito, não somente para os outros, mas também para si próprio" (Kostulski et al*.,* 2019, p.165).

Uma das principais transmissões simbólicas é proporcionada pela família. Contudo, quando são rodeados por figuras desvalorizadas, que fracassam na saída das vulnerabilidades e da exclusão, os adolescentes buscam referências em outros lugares que possam lhe proporcionar a transmissão de uma existência. É nesse vácuo de referências que jovens de Nova Santa Marta encontram nas drogas ou no futebol uma possibilidade para sair da vulnerabilidade e também do apagamento. Por isso, diversas narrativas dos adolescentes apontavam para o desejo de serem reconhecidos como jogadores.

Ademais, também compreendemos que o futebol pode ser considerado uma extensão dos jogos e do brincar, com função importante para crianças e adolescentes, pois possibilitam a elaboração de conflitos que os sujeitos atravessam. Em *Além do Princípio do Prazer*, Freud (2020/1920) demonstrou que, através da brincadeira do *Fort-da*, seu neto repetia a angústia de separação da mãe e, assim, ia elaborando essa situação traumática.

O futebol, assim como os outros esportes que os adolescentes jogam, apresenta uma elaboração similar, pois pode canalizar seus sofrimentos ou sublimá-los. Ou seja, transformar impulsos e angústias psíquicas em produções socialmente aceitas e criativas, adotando saídas que favorecem a convivência e a expressão simbólica (Freud, 2010/1905). O futebol também apresenta um aspecto importante por se tratar de um esporte em grupo, essa coletividade promove o pertencimento, sentimento muito importante quando se trata de adolescência e da saída da invisibilidade. Dessa forma, entendemos que, através do dispositivo, algo do desejo era parcialmente satisfeito, quando os adolescentes obtinham reconhecimento entre si, quando construíam laços e quando tiveram o reconhecimento da necessidade de serem cuidados.

Entre poucas possibilidades para sair do apagamento e da vulnerabilidade, como diz João de 16 anos, "(...) pra não entrar no mundo das drogas, só o futebol" (Diário de experiência, 2022, p. 26) é, portanto, através desse esporte que os adolescentes encontram uma possibilidade de existência, de reconhecimento. Todavia, para além do talento, é necessário que haja olhar e investimento – tanto afetivo quanto financeiro – para que os adolescentes possam seguir esse sonho. É o que faz o clube Novo Horizonte, que acolhe crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, sem fins lucrativos, por meio de atividades esportivas no contraturno da escola. É fundamental destacar que ações como essa possibilitam a inclusão social e a promoção da cultura. Os adolescentes que participam desse projeto comentam entusiasmados sobre as participações em competições, através das quais buscam conseguir uma carreira no esporte. Desse modo, o nome da sociedade esportiva realmente remete a outros horizontes que os jovens podem seguir, constituindo-se como uma referência muito importante e fazendo oposição à ideia de uma vila que não é vista por seu horizonte, exercendo resistência à invisibilidade.

Para Concluir

Parte de nossa identidade, se não toda, está impregnada pelas relações que estabelecemos. Na adolescência, essa relação com o Outro possui um impacto ainda maior na forma como nos vemos. Nesse sentido, esta pesquisa também demonstrou as repercussões que o contexto social produz no adolescer, sobretudo quando estes vivenciam um cenário de exclusão e suas existências são invisibilizadas.

Dessa forma, é preciso reconhecer que as prementes desigualdades sociais produzem atravessamentos na subjetividade dos adolescentes. No entanto, e felizmente, a transmissão simbólica não se constitui apenas de sintomas. Apesar das diversas dificuldades que os moradores do bairro Nova Santa Marta enfrentam, há um traço da história que pulsa, que alicerça certa potência e promove transformação. Assim, mesmo sendo socialmente relegados ao lugar de dejeto – como indicavam o cheiro das ruas e a falta de saneamento em diversas casas –, os moradores parecem não se identificar com esse significante, e preferem utilizar essa adversidade como transformação, por meio de atividades, como a reciclagem. A matéria, que outrora era descartada pela sociedade, passa a ganhar um novo valor. E, assim, mesmo sendo colocados no lugar de resto, a psicanálise bem sabe que o resto é aquilo que resiste. Desse modo, não é justamente dos restos, dos fragmentos trazidos pelo sujeito, que se ocupa a psicanálise?

Tomando emprestada a releitura de Benjamin (1991) sobre o *catador de restos*, tal como apresentada por Gurski e Strzykalski (2018), – a figura que perambulava à procura de lixo, sucatas, migalhas e tudo mais que a sociedade considerava inútil, mas que, ao olhar do catador, carregava potência —, compreendemos o catador como aquele que possibilita o encontro com novos sentidos do que foi descartado. Dessa forma, pensamos que a atuação de psicólogos e psicanalistas em situações de intensa vulnerabilidade social, tal como a do catador, aloja-se justamente em encontrar esse resto – que resiste, que parece insignificante, mas que contém a força propulsora para a transformação. Restos que emergem como significantes nas narrativas silenciadas.

É a partir dessas sutilezas, capturadas pela escuta das narrativas dos adolescentes, que ocorreu o desenvolvimento do dispositivo com a reocupação da quadra – antes marcada pela cena traumática da violência do território: disparos entre facções, brigas e violências simbólicas, atravessadas pelo mal-estar e pelo medo, que levaram à sua desocupação. Todavia,

através do rompimento do silenciamento com a circulação da palavra, foi sendo possibilitada a ressignificação do espaço, que reocupou a quadra de esportes. É nessa ação que reside a potência transmitida pelos moradores e suas histórias, remetendo à própria ocupação do território. Por isso, os territórios periféricos não podem ser vistos apenas por suas vulnerabilidades, mas também pelas suas potencialidades. É a partir do reconhecimento das demandas dos moradores e das potencialidades da comunidade que podem ser impulsionadas as mudanças que os sujeitos desejam.

Referências

Abramo, H. W. (1997). Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, (5), 25-36.

Benjamin, W. (1991). A Paris do segundo império em Baudelaire. In F. Kothe (Org.), *Walter Benjamin: Sociologia* (pp. 44-122). Ática.

Bourdieu, P., & Passeron, J.-C. (1975). *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino* (pp. 15-75). Francisco Alves.

Broide, J. (2015). A construção de dispositivos clínicos. In J. Broide, & E. E. Broide (Eds.), *A psicanálise em situações sociais críticas: Metodologia clínica e intervenções* (pp. 39-50). Escuta.

Broide, J., & Broide, E. E. (2015). *A Psicanálise em situações sociais críticas: Metodologia clínica e intervenções*. Escuta.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (2023). (58a ed.). Saraiva.

Corso, D. L., & Corso, M. (2018). *Adolescência em cartaz: Filmes e Psicanálise para entendê-la*. Artmed Editora.

Freud, S. (2010). *Obras completas* (Vol. 6, pp. 11–107). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (2013). *As pulsões e seus destinos*. Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (2020). *Além do princípio de prazer.* Autêntica. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (2021). Lembrar, repetir e perlaborar. In G. Iannini, & P. Heliodoro (Eds.), *Obras incompletas de Sigmund Freud: Fundamentos da clínica psicanalítica* (pp. 151-164). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1914).

Gama, C. A. P., Campos, R. T. O., Ferrer, A. L. (2014). Saúde mental e vulnerabilidade social: A direção do tratamento. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, *17*(1), 69-84. https://doi.org/10.1590/S1415-47142014000100006

Gurski, R., & Strzykalski, S. (2018). A pesquisa em psicanálise e o "catador de restos": Enlaces metodológicos. Ágora: *Estudos em Teoria Psicanalítica*, *21*(3), 406-415. https://doi.org/10.1590/S1516-14982018003012

Kostulski, C. A., Rodrigues, P. M., Paraboni, P., & Arpini, D. M. (2019). Adolescência, violência e invisibilidade social: Uma revisão crítica a partir da história de Sandro. *Revista Sociais & Humanas, 32*(3), 161-172. https://doi.org/10.5902/2317175826823

Lacan, J. (1985). *O Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar.

Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. (1990, 13 de julho). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Presidência da República. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

Pires, L. P., & Gurski, R. (2020). A construção da escuta-flânerie: uma pesquisa psicanalítica com socioeducadores. *Psicologia USP, 31*, e180128. https://doi.org/10.1590/0103-6564e180128

Rassial, J.-J. (1997). A passagem do adolescente: Da família ao laço social. Artes e Ofícios.

Rosa, M. D. (1999). *O discurso e o ato na produção do laço social: Reflexões sobre a delinquência*. [Apresentação de trabalho]. 2° Congresso Iberoamericano de Psicologia, Colégio Oficial de Psicólogos, Madri, Espanha. https://doi.org/10.1590/S0103-65641999000200013

Rosa, M. D. (2022). Sofrimento sociopolítico, silenciamento e a clínica psicanalítica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, *42*, 1-10. https://doi.org/10.1590/1982-3703003242179

Rosa, M. D., & Vicentim, M. C. (2012). Os intratáveis e o exílio do adolescente do laço social pelas noções de periculosidade e irrecuperabilidade. In R. Gurski, M. D. Rosa, & M. C. Poli (Eds.), *Debates sobre a adolescência contemporânea e o laço social* (pp. 39-57). Juruá.

Torossian, S. D. (2003). Contribuições para a clínica psicanalítica com adolescentes usuários de drogas e toxicômanos. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 24*, 61-74. https://appoa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista24-2.pdf

Traverso-Yépez, M. A., & Pinheiro, V. S. (2002). Adolescência, saúde e contexto social: Esclarecendo práticas. *Psicologia & Sociedade*, *14*(2), 133-147. https://doi.org/10.1590/S0102-71822002000200007

Como citar:

Schröpfer, L. C., Zappe, J. G., & Costa, A. O. (2025). Adolescência e futebol em jogo: A construção de um dispositivo psicanalítico em um território de vulnerabilidade social. *Revista Subjetividades, 25*(Esp.), e14921. https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25iEsp.e14921

Endereço para correspondência:
Laís Caroline Schröpfer
E-mail: laisschropfer@hotmail.com

Jana Gonçalves Zappe
E-mail: jana.zappe@ufsm.br

André Oliveira Costa
E-mail: androlicos@gmail.com

Recebido em: *18/01/2024.*
Aceito em: *14/07/2025.*